

# DIA DA GRADUAÇÃO

Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

5 de maio de 2021

## Discurso do Diretor da FMUP, Altamiro da Costa Pereira

Exmo. Senhor Presidente da República, Professor Marcelo Rebelo de Sousa

Senhor Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Professor Manuel Heitor

Senhor Secretário de Estado Adjunto e da Saúde, Dr. António Lacerda Sales

Senhor Presidente da Câmara Municipal do Porto, Dr. Rui Moreira

Magnífico Reitor da Universidade do Porto, Professor António Sousa Pereira

Senhor Bastonário da Ordem dos Médicos, Dr. Miguel Guimarães

Senhor Presidente da ARS-Norte, Dr. Carlos Nunes

Senhor Presidente do Conselho de Administração do Centro Hospitalar Universitário de São João,  
Professor Fernando Araújo

Caro Presidente da Associação de Estudantes, Henrique Moreira

Caro *Dux Medicus Facultis*, Dr. João Freitas

Caros Colegas Docentes, Investigadores, Técnicos e Estudantes da Faculdade de Medicina da  
Universidade do Porto

E, por último, mas não menos importantes que os precedentes,

Prezados Graduados da Faculdade de Medicina,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Boa tarde e muito obrigado por nos honrarem com a vossa presença.

A Faculdade de Medicina celebra hoje o seu “Dia da Graduação” homenageando, pela primeira vez numa única cerimónia, todos os estudantes que recentemente nela obtiveram graus académicos.

Trata-se de uma cerimónia singular, com carácter profundamente simbólico, em que a Faculdade oferece, a cada novo mestre ou doutor, uma medalha de prata, metáfora preciosa de ritual de passagem e evidência material de um percurso académico bem-sucedido.

Mas, se o valor simbólico da medalha e da sua imposição são já grandes, a presença nesta Aula Magna do sucessor em funções do nosso promotor primordial - Teodoro Ferreira de Aguiar, então Cirurgião-Mor do Reino - aqui representado, muito simbolicamente, pelo Dr. António Sales do Ministério da Saúde, acompanhando o ministro da nossa tutela atual, o Professor Manuel Heitor e, sobretudo, a presença do Senhor Presidente da República, representante eleito do Povo Português, eleva esta cerimónia a um nível simbólico que apenas a dignidade de um Chefe de Estado lhe poderia emprestar.

Quando em 1825, D. João VI criou a Real Escola Cirúrgica do Porto, no intuito de providenciar melhores cirurgiões a uma sociedade que então vivia tempos de grande turbulência - no rescaldo das guerras peninsulares e na iminência de uma guerra civil entre absolutistas e liberais - não imaginaria decerto o Rei as profundas transformações sociais e políticas que esta Escola viria a testemunhar nem muito menos vislumbraria o enorme contributo que ela viria a dar ao desenvolvimento da assistência, do ensino médico e da investigação em saúde em todo o País.

De igual modo, quando foram nomeados os seus oito primeiros professores e admitidos os seus primeiros 62 alunos de cirurgia, não se imaginaria que, em maio de 2021, estariam inscritos, nesta Faculdade, sua sucedânea, mais de 1.600 estudantes de medicina para além de outros 2.500 a cursarem doze programas de mestrado, treze de doutoramento e 61 cursos de formação contínua.

Menos imaginaria D. João VI que professores, investigadores, técnicos e estudantes da sua Escola viriam a publicar anualmente mais de 1.100 artigos científicos, 70% dos quais em revistas dos dois primeiros quartis da *Web of Science*, correspondendo ao maior número de trabalhos, e com qualidade reconhecida internacionalmente, na área da investigação biomédica, clínica, de translação ou epidemiológica, entre qualquer outra instituição portuguesa, de índole académica ou científica.

E, se ainda nos lembrarmos que algumas das mais produtivas unidades hospitalares, institutos e centros de investigação, e até outras prestigiadas Escolas Médicas do nosso País, foram também criadas, por iniciativa e engenho daqueles que foram ou são professores desta Casa - lembro o Instituto Central de Higiene, atual Instituto Nacional de Saúde, por Ricardo Jorge, a Maternidade de Júlio Diniz, por Alfredo Magalhães, o Centro de Estudos Humanísticos, embrião da atual Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por Luís de Pina, a Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação da Universidade do Porto, por Norberto Teixeira dos Santos, o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, por Nuno Grande, a Escola de Medicina da Universidade do Minho, por Pinto Machado ou, mais recentemente, o IPATIMUP, o ISPUP, o CINTESIS ou o RISE - e que o seu hospital nuclear, de S. João, viria a desempenhar um papel exemplar e mesmo de charneira no combate à principal crise sanitária que vivemos nos últimos cem anos, então teria certamente D. João VI ficado muito orgulhoso da sua feliz e profícua iniciativa.

E, no entanto, a Faculdade de Medicina do Porto atravessa hoje tempos difíceis e preocupantes, fruto dos graves constrangimentos com que se confronta, uns de natureza circunstancial, mas outros, infelizmente, com carácter estrutural.

Quanto aos primeiros, acredito que em breve o Reitor ou o nosso Ministro possam finalmente vir a contornar as absurdas limitações impostas pelo estreito limite de crescimento à nossa massa salarial, aplicado cegamente a contratos a termo certo de docentes convidados, mesmo quando são pagos com receitas próprias e não a partir do Orçamento do Estado. Na verdade, estes limites são hoje um enorme entrave ao desenvolvimento de uma Universidade pública que se quer moderna e atenta às necessidades educativas das comunidades que a procuram.

Já quanto aos nossos problemas estruturais deixem-me contar-vos uma breve história. Quando na década de 30 do século passado, foi pensada a reserva de terrenos na Asprela para a construção de um hospital escolar, a ideia deverá ter parecido estranha, em virtude desses terrenos distarem bastante do centro do Porto e da sua Universidade. Mas a visão rasgada do então ministro das obras públicas Duarte Pacheco acabou por lhe dar caução e futuro. Quando finalmente, já na década de 40, um Reitor e um Presidente da Câmara do Porto, ambos professores da Faculdade de Medicina, Amândio Tavares e Luis de Pina, acompanharam as obras iniciais de edificação do novo Hospital Escolar de S. João, o seu júbilo foi certamente enorme por a Faculdade ir ter uma magnífica Casa onde o ensino, a assistência, a investigação e a cultura médicas pudessem, finalmente, irradiar e conviverem de forma sinérgica e harmoniosa. Essa satisfação e entusiasmo inaugurais foram certamente acompanhados de perto também pelos Professores Hernâni Monteiro e Ernesto de Moraes, respetivamente presidente da comissão instaladora e Diretor da Faculdade de Medicina.

Mas hoje, 61 anos volvidos, tudo mudou e o natural crescimento de ambas as instituições, conjugado com a enorme evolução tecnológica e conceptual das suas próprias atividades e missões, tornou estas infraestruturas comuns - que então eram novas e adequadas - em instalações envelhecidas,

desadaptadas, dispersas e até exíguas - limitando a permanência ou mesmo a circulação de docentes e estudantes, dificultando a gestão de espaços comuns ou até gerando atritos fronteiriços.

Independentemente de outras questões, como as do aumento da eficiência mútua por promoção ativa de sinergias interinstitucionais - e que poderão vir a ser muito melhoradas com a implementação do Centro Académico Clínico do Porto, cuja concretização continua a ser mais lenta que o desejado, passados já 5 anos da sua criação - o facto é que ambas as instituições, a Faculdade e o S. João, lutam hoje com gravíssimos problemas de requalificação e de expansão de espaços, espartilhadas que estão num edifício comum e de paredes dificilmente expansíveis.

E, se não me compete falar das necessidades e carências do Hospital, posso garantir-vos que a Faculdade de Medicina está tão carente de espaço como desejosa de futuro pois, felizmente, não falta quem nos procure. Nem nos falta também visão ou ambição. Daquela capaz de fazer a diferença e de melhorar a vida a vindouros. O que nos tem faltado são interlocutores capazes e disponíveis para nos ouvirem, e conosco virem a construir as soluções que nos podem beneficiar a todos.

Na verdade, a construção, uma década atrás do CIM, promovida por Pinto Machado há mais de 20 anos, e muito acarinhada então pela Reitoria e pela Tutela, veio dar um sopro de vida a áreas básicas que há muito sobreviviam em condições indignas. Mas, neste momento, já não resolve, nem de perto, as carências com que hoje nos defrontamos. Resta-nos assim ter esperança de que a bazuca do já mítico Plano de Recuperação e Resiliência possa vir a disparar um tiro certo nestes nossos candentes problemas.

Senhoras e senhores, é na sua tripla missão de ensino, investigação e assistência que a Faculdade de Medicina se tem empenhado, denodadamente, desde o seu início. Pela ciência e arte médicas, pela dignidade da vida e a compaixão pelos doentes, pelo desenvolvimento social e cultural da sociedade onde está inserida. Bem hajam os que nos têm acompanhado nestes ideais.

Por isso estamos imensamente gratos a quem nos tem ajudado na nossa infinda missão. Ao Centro Hospitalar Universitário de São João, aos nossos Hospitais Afiliados, aos Centros de Saúde da ARS-Norte e a todas as inúmeras instituições e entidades, públicas e privadas, de ensino, de investigação, empresariais, nacionais e estrangeiras que conosco têm partilhado ideias e concretizado projetos, o nosso muito obrigado.

E a nossa gratidão estende-se também a quem nos honrou hoje com a sua presença, designadamente a S. Ex.<sup>a</sup> que soube, uma vez mais, estar próximo de quem trabalha e de quem estuda, reconhecendo sucessos e estimulando sonhos, e a quem a Faculdade certamente gostaria de ver a presidir às comemorações do seu bicentenário, em 2025. E talvez, nessa altura, alguns dos problemas aqui expostos possam estar devidamente ultrapassados ou possa até ser recebido já noutras instalações mais generosas. Assim seja.

Mas por ora, os nossos parabéns e felicidades vão todos para aqueles que obtiverem graus académicos e que irão em breve ser aqui agraciados.

Lembro. Hoje, a Faculdade celebra, com exaltação, 56 alunos premiados, 468 novos mestres, dos quais 267 novos médicos, 128 doutores e 9 recém professores agregados, reconhecendo-lhes o trabalho, a vontade e o engenho, como estudantes ou nas figuras dos docentes e orientadores que os guiaram, não esquecendo também os técnicos que os acompanhando ao longo do seu percurso académico.

Hoje, a Faculdade orgulha-se de todos vós!

Altamiro da Costa Pereira,  
Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto